

A LAPPIAE DESCRIPTIO DE DAMIÃO DE GÓIS

THE LAPPIAE DESCRIPTIO BY DAMIÃO DE GÓIS

MÁRIO CARREIRO

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE LISBOA

mariocarreiro@campus.ul.pt

Resumo: É necessário analisar o percurso de Damião de Góis pela Europa e a sua produção literária no período 1528-1540, de modo a compreender-se o contexto que levou o humanista português a interessar-se pela Lapónia e pelos Lapões e a escrever sobre isso. Descrevemos, de forma breve, a história do texto da *Lappiae descriptio* e as duas teses acerca da veracidade da sua alegada viagem à Lapónia. No fim, apresentamos a nossa tradução da *Lappiae descriptio*.

139

Palavras-chave: Damião de Góis; Lapónia; Lapões; tradução.

Abstract: It is necessary to observe Damião de Góis' course throughout Europe and his literary production for the period 1528-1540, in order to understand the context that made the portuguese humanist find interest in Lapland and the Sami people and write about the subject. We describe, in few words, the textual history of the *Lappiae descriptio* and both theses concerning the veracity of his alleged voyage to Lapland. In the end, we present our translation of the *Lappiae descriptio*.

Keywords: Damião de Góis; Lapland; Sami; translation.

UM PORTUGUÊS PELA EUROPA

Após ter servido como secretário da Casa da Índia em Antuérpia entre 1523 e 1528, Damião de Góis continuou ao serviço de D. João III, levando a cabo missões diplomáticas por toda a Europa.

Depois de ter deixado a Flandres em 1528, esteve em Inglaterra, num momento em que os planos de divórcio de Henrique VIII poderiam pôr em causa a aliança luso-inglesa e a navegação no Canal da Mancha, interferindo, deste modo, na ligação comercial entre Lisboa e Antuérpia.

Em 1529, esteve em Gdansk a fim de apresentar a Sigismundo I da Polónia a proposta de D. João III para casar o infante D. Luís, seu irmão, com a princesa Hedwig, filha do rei polaco. Uma vez que a monarquia polaca era electiva e o príncipe herdeiro, Sigismundo Augusto, filho de Sigismundo I com Bona Sforza, não era uma figura muito benquista entre os nobres, existia uma forte possibilidade de que D. Luís viesse a ser rei consorte da Polónia. Sigismundo, porém, declinou a proposta.

Damião esteve novamente em Gdansk em 1531, numa segunda tentativa de criar um laço dinástico entre os Avis e os Jaguelões, mas uma vez mais a missão fracassou.

Abandonando os afazeres diplomáticos, partiu, nesse mesmo ano, da Polónia numa expedição através do rio Don até ao território dos Tártaros, segundo o que ele próprio afirma na *Crónica de D. Manuel*. Esta viagem, a ter ocorrido, terminou no Outono desse mesmo ano, pois por essa altura já Damião se encontrava de volta em Antuérpia, como demonstram duas cartas do final desse mesmo ano¹, assinadas na cidade flamenga. Cornélio Grapheus, seu mestre de Latim, e André de Resende, seu condiscípulo em Lovaina, escrever-lhe-ão, pouco tempo depois, poemas a celebrar o sucesso desse périplo.

1 Góis 2009: 36-42.

Numa das suas visitas a Gdansk (1529 ou 1531), Damião de Góis terá contraído amizade com João Magno Gothus, arcebispo de Uppsala, e seu irmão Olavo, como ele mesmo afirma numa carta datada de Novembro de 1531, dirigida ao prelado sueco:

Contracta inter nos Dantisci (Deo haud dubie auctore) amicitia,
cum illic Regis mei causa agerem [...].²

Contraída amizade entre nós em Gdansk (sem dúvida por vontade de Deus), quando por aí andava em serviço do meu Rei [...].

A correspondência entre Damião e João Magno permite-nos saber que este se mostrou bastante receptivo à questão da aproximação da Igreja Etíope à Igreja Romana. O arcebispo ter-lhe-á, também, dado conhecimento da semelhante situação em que se encontrava o povo da Lapónia, região que se encontrava sob a jurisdição da arquidiocese de Uppsala, o qual resistia ainda ao Cristianismo.

141

Tendo regressado a Antuérpia em finais de 1531, dá ao prelo, no ano seguinte, a *Legatio Magni Indorum Imperatoris Presbyteri Ioannis*, uma descrição da delegação do imperador David da Etiópia (o Preste João) à corte de D. Manuel em 1514, à qual Damião de Góis assistiu quando era moço de câmara na corte do Venturoso. A *Legatio* tem como prólogo e epílogo duas cartas enviadas a João Magno Gothus, respectivamente, em Novembro e Dezembro de 1531. Em anexo a esta obra, Damião publica um opúsculo a lamentar a situação do amigo João Magno e do povo da Lapónia, sob o título *De Pilapiis*³.

Vendo-se um pouco mais aliviado dos deveres para com D. João III, Damião de Góis, tendo já trinta anos, dedicou-se a prosseguir o seu *cursus* académico, de forma a colmatar as deficiências da sua formação

2 Góis 2009: 36.

3 “Pilápios” era uma designação alternativa para os Lapões.

intelectual. Sabe-se que entre 1532 e 1533 andou entre Antuérpia e Lovaina. Em 1533, regressou a Portugal, como o próprio afirma numa carta a Erasmo⁴, datada de 20 de Junho desse ano. Em Abril do ano seguinte, chegou a Basileia e em Julho, a Friburgo, onde foi recebido por Erasmo.

Em Outubro de 1534, já se havia mudado para Pádua, iniciando os seus “anos italianos” (1534-1538). Durante este período, Damião viajou sobretudo no interior de Itália, sendo as suas viagens além-Alpes (Basileia, Ausburgo, Nuremberga, etc.) de curta duração. Em Março de 1538, esteve em Roma e em Nápoles. Entre Maio e Setembro, reencontra João Magno em Vicenza.

Em finais de 1538, regressa a Lovaina, onde contrai matrimónio com Joana van Hagen, mulher oriunda da aristocracia holandesa. Em Junho do ano seguinte, matricula-se na Universidade de Lovaina. Aí permanece durante vários anos, dedicando-se à sua vida familiar, à progressão dos seus estudos e à redacção de boa parte da sua obra latina⁵.

142

VIAGEM À LAPÓNIA: UMA FICÇÃO LITERÁRIA?

Damião de Góis procurou, nos seus dois opúsculos sobre a Lapónia, dar a entender que empreendeu uma viagem pelas costas do Báltico até à longínqua Lapónia, região situada no extremo norte da Escandinávia. Na *Descriptio*, por exemplo, utiliza as expressões *ut ipsi uidimus* (como nós próprios observámos) e *ut ab incolis accepi* (tal como tomei conhecimento através dos habitantes), dando ao leitor a ideia de que o humanista se aventurou por regiões inóspitas e foi testemunha ocular dos factos que descreve.

4 Góis 2009: 44-48.

5 Damião de Góis publica, durante este período em Lovaina, os *Commentarii rerum gestarum in India* (1539), o *Fides, religio moresque Aethiopum* (1540), a *Hispania* (1542) e os *Aliquot opuscula* (1544).

Esta ideia da viagem à Lapónia vingou entre os estudiosos da obra goisiana. Elisabeth Feist Hirsch, na sua biografia do humanista português⁶, reitera esta ideia de forma bastante evidente:

“Finally, in his *Description* [...] Gois says at the very end “as I have heard from the inhabitants” which clearly indicates that he had been there”.⁷

Hirsch manifesta uma igual crença na veracidade da viagem pelo Don até ao país dos Tártaros:

“The expedition to the Don led over arduous and little-traveled roads, causing a considerable strain on Gois’s physical endurance. But he was rewarded by finding the Tartars and learning something about these isolated tribes”.⁸

Os argumentos de Hirsch a favor da realidade da viagem à Lapónia consistem no facto de o próprio humanista declarar na *Descriptio* que recolheu as informações *in loco* e no facto de este defender, na *Hispania*, a observação *in loco* como metodologia de trabalho. No fundo, ambos os argumentos assentam na fé nas palavras de Damião.

Jean Aubin, por outro lado, contesta a veracidade das declarações de Damião de Góis relativas às suas viagens por entre os Tártaros e os Lapões, partindo de uma antítese ao trabalho de Hirsch. No seu artigo⁹, Aubin defende a tese de que Damião de Góis, munido de um genuíno interesse pelo exótico (como manifestou pelas suas descrições da Etiópia e da Índia), terá fingido essas expedições à Sarmácia e à Lapónia,

6 Hirsch 1967.

7 Hirsch 1967: 22, n. 37.

8 Hirsch 1967: 21.

9 Aubin 1982.

criando, portanto, uma ficção literária, o que não era de todo estranho à literatura humanista.

Podemos sintetizar a tese de Aubin em três argumentos: tempo, estilo e fontes.

O primeiro argumento é o de que teria sido praticamente impossível para Damião de Góis conseguir ter tempo para organizar e empreender uma viagem pelas agrestes costas do Báltico. Como se viu, a sua vida itinerante entre a Flandres, Suíça, Alemanha e Itália durante a década de 1530 deixar-lhe-ia muito poucas oportunidades de levar a cabo uma viagem que saísse desses circuitos. A isto adita-se o facto de Damião possuir uma saúde frágil, encontrando-se vulnerável e despreparado para enfrentar climas agrestes e terras inóspitas.

O segundo argumento é o do estilo da sua escrita. Damião de Góis faz uso de vários *topoi* característicos das descrições ficcionadas: descrições geográficas bastante imprecisas, expressões vagas a que Aubin chama *pays-là* e o foco em aspectos do maravilhoso e do fantástico. No caso dos Tártaros, apesar de não nos ter chegado qualquer escrito de Damião, temos os versos de Grapheus e Resende, que se inserem perfeitamente na ideia de uma ficção literária.

O terceiro argumento, e quiçá o mais forte, é o das fontes em que Damião se baseou. A descrição geográfica da Lapónia baseou-se na *Carta marina* (1539) de Olavo Magno Gothus, a mais antiga representação cartográfica da Escandinávia. Quanto à descrição dos costumes dos Lapões, a fonte foi a *Schondia* (1532) de Jacob Ziegler. No seu artigo, Aubin compara a *Descriptio* com os passos correspondentes na descrição que Ziegler faz da Lapónia¹⁰.

A utilização da *Schondia* como fonte é evidente não apenas pela comparação dos dois textos, mas também pelo facto de Damião de Góis dar a entender, numa carta a Erasmo datada de 20 de Junho de 1533, que se baseara na obra de Ziegler para obter informações acerca da Lapónia:

10 Aubin 1982: 308-312.

[...] Pilapia siue Laponia, Schyticae plagae prouincia satis uasta, [...] quam Iacobus Zieglerus in sua *Scondia* seu *Sconlandia* (ex relatione eiusdem archiepiscopi) scite descripsit [...].¹¹

[...] Pilápia ou Lapónia, província bastante extensa da região da Cítia, [...] a qual Jacob Ziegler, por referências do mesmo arcebispo, esclarecidamente descreveu na sua *Schondia* ou *Schonlandia* [...].

Segundo Aubin, é bastante evidente que Damião de Góis se baseou nos relatos dos irmãos Gothus e em Ziegler para criar a sua ficção da Lapónia. A breve declaração metodológica na *Hispania* poderá ter servido o propósito de corroborar esta ficção, visando dar credibilidade a um humanista que se ensaiava na historiografia.

Damião de Góis logrou com sucesso ganhar nome entre os meios intelectuais. A sua obra foi publicada e lida com interesse, não apenas em Portugal, mas por toda a Europa. O seu *Fides* foi reeditado três vezes entre 1541 e 1544 (uma em Paris e duas em Lovaina) e as descrições das suas viagens ficcionadas foram amplamente lidas e creditadas, inclusive em Portugal. João Rodrigues Sá de Meneses, alcaide da cidade do Porto, em carta a Damião de Góis datada de 13 de Janeiro de 1541, pede ao amigo que lhe envie algumas notícias acerca das terras aquilonares:

Caeterum cum nimium cupiam, totius plagae ad Septentrionem porro expositae notitiam habere, meminermique te apud Sarmatiae Regem oratorem egisse, ubi qua et diligentia et dexteritate oportebat te isthaec omnia recte intellexisse, penitusque indagasse, rem mihi gratissimam feceris, et periucundam, si commentariolum quendam, perbreuem illum quidem, sed alioqui qui breuiter omnia complectatur, ad me mittas.¹²

11 Góis 2009: 46.

12 Góis 2009: 308.

De resto, uma vez que desejo muito ter notícia de toda a região que se estende até ao Norte e me lembro de que tu foste embaixador junto do rei da Polónia, onde convinha que, com diligência e destreza, tu conhecesses bem e indagasses a fundo todas essas coisas, far-me-ás um gratíssimo e amabilíssimo favor, se me enviases um pequeno comentário, ainda que muito breve, mas que, por outro lado, abranja sucintamente todas as coisas.

Pelas instâncias do amigo portuense, percebemos que Damião de Góis cedo granjeou fama de conhecedor de terras longínquas.

APRESENTAÇÃO DO TEXTO

146

Em 1540, Damião de Góis dá ao prelo, na oficina de Rutger Ressen em Lovaina, o *Fides, religio moresque Aethiopum*, o seu segundo tratado sobre a questão da Etiópia. Prefacia-o com uma carta dedicada ao papa Paulo III¹³, datada de Agosto de 1540, contendo uma breve descrição da delegação etíope de 1514 e instando o pontífice a promover a integração da Igreja Etíope.

À guisa de adenda ao *Fides*, o humanista escreve uma segunda carta ao Santo Padre¹⁴, datada de 1 de Setembro do mesmo ano, expondo, à semelhança do que fizera em 1532, a situação de João Magno Gothus e dos Lapões. Este opúsculo, intitulado *Deploratio lappianae gentis*, é seguido de um outro, mais curto, em que Damião de Góis faz uma breve descrição geográfica da Lapónia e dos costumes das suas gentes.

Na *editio princeps* (1540) do *Fides*, este último opúsculo é desprovido de título. O autor, contudo, introdu-lo com a seguinte frase: *Quoniam nonnihil chartae supererat, haec de Lappiis breuiter adiicere uolui* (Como sobrava um pouco de papel, quis acrescentar estas breves coisas acerca dos Lapões).

13 Góis 2009: 94-98.

14 Góis 2009: 98-104.

Esta frase justificativa é substituída na edição de 1541 (Paris) do *Fides* pelo título *De Lappiae situ et eius regionis incolis* e nas edições de 1542 e 1544 (ambas de Lovaina) por *Lappiae descriptio*.

O texto latino que se segue é o que consta na edição dos *Aliquot opuscula* de 1544. Esta edição contém o *Fides*, uma tradução das epístolas do Preste João por Paolo Giovio e Damião de Góis, a *Deploratio*, a *Descriptio*, uma descrição da guerra de Cambaia, a refutação a Paolo Giovio, a *Hispania* e algumas epístolas de Sadoleto, Bembo, entre outros. A Biblioteca Nacional de Portugal contém no seu acervo três exemplares impressos desta edição.

Os opúsculos sobre a Lapónia foram anexados ao *Fides* pelo próprio autor logo na primeira edição e assim se mantiveram, de forma inalterada, em todas as reedições, o que nos permite concluir que os três textos formam uma só unidade. Não obstante poderem ser lidos em separado, é necessário considerá-los em conjunto para se compreender a sua história textual.

No âmbito da tradução portuguesa, o *Fides* possui duas traduções, ambas de 1945. A tradução de Maria Júlia Gonçalves Pereira¹⁵ contém somente o texto do *Fides* sob o título *História da Abissínia*, ignorando a unidade que caracteriza os três textos. A de Dias de Carvalho¹⁶ insere-se num conjunto de traduções de textos goisianos sob o título *Opúsculos históricos*, contendo, também, as traduções da *Deploratio* e da *Descriptio*. Apesar de colocar estas duas no seguimento do *Fides*, Dias de Carvalho altera a ordem, colocando a *Descriptio* a anteceder a *Deploratio*, o que não respeita a história textual destes opúsculos. A *Deploratio*, na sua qualidade de epístola, encontra-se, também, vertida em língua portuguesa na colectânea da epistolografia latina de Damião de Góis organizada e traduzida por Amadeu Torres¹⁷.

15 Góis 1945b.

16 Góis 1945a.

17 Góis 2009.

Considerando que, pela sua história textual, o *Fides*, a *Deploratio* e a *Descriptio* constituem uma só unidade, porém tendo em conta a dimensão do *Fides*, os limites da proposta deste trabalho e o facto de existir uma tradução boa e recente da *Deploratio*, cingimo-nos à tradução da *Lappiae descriptio*, tendo exposto as problemáticas que envolvem o texto, quer no seu conteúdo, quer na sua história.

TEXTO

LAPPIAE DESCRIPTIO

Lappia, Mari Botnico interiecto, in orientalem et occidentalem diuiditur, cuius equoris extremum Tornia est. Ab oriente Lacum Album tangit, ad septentrionem uarias prouincias amplectens, ad incognitum se extendit. Ad occidentem Islandiam respiciens, parti Noruegiae est contigua. Ad meridiem, ab altera Noruegiae parte, Suetia, Finlandia, ac ab utraque Botnia cingitur.

Lappia enim Orientalis Ecclesiam Diui Andreae in gradu eleuationis poli octogesimo quarto habet, quae magnifico et sumptuoso templo ac doctis et sacrarum literarum eruditis uiris ornatur. Ecclesia haec Archiepiscopo Upsaliensi obedit et obtemperat, sub cuius diocese sita est. Nihilominus eius circumuicini, siue incuria, siue auaricia praelatorum et magnatum (ut dictum est), Christum non agnoscunt.

“Lappia” latino sermone interpretatur “inepta” siue “secors prouincia”. Nomen puto inditum inde, quod, ex nimio et intenso frigore, solum tanque stupidum, minime aptum sit nec ad recipiendum, nec ad procreandum fruges.

Indigenae istius prouinciae neruosi et mediocris staturae sunt, mire dexteri et agiles in arcubus et sagittis utendis. Quam artem iaculandi ab incunabulis sic exercent, ut puero a scopo erranti cibus non detur tantisper, donec in eum recte sagittam dirigat.

Pellibus non ineleganter contextis loco uestium praecipue utuntur, quibus se a frigoris iniuria tutantur. Quod ita etiam pati assueuerunt, ut dum opus sit, id sine aliquo pellium munimine expugnare ualeant. In tabernaculis habitant nec domus eis alicui usui sunt, quippe saepius hinc inde migrant. Aliam uiuendi rationem, quam uenationis, aucupii et piscationis non habent, in quibus plurimum praestant. Est enim prouincia illa istarum rerum feracissima.

Agrum non colunt, nauiculis utuntur sine aliquo ferreo clauo compactis, quibus, piscibus aere exciccatis ac pellibus onustis, ad uicinos nauigant, ut permutatione tantum annonam et pecuniam, nullo sermone adhibito, sed solis nutibus agentes, acquirant. Id solum accidit ob linguae barbariem et asperitatem, alio quin in suis permutationibus sagaces et expertissimi sunt.

Gens bellicosa et animosa est. Loco equorum, utuntur animalibus, quae raingi suo sermone uocant, magnitudinem et colorem asini, ungulas bifidas, formam atque cornua ceruorum habentibus, sed cornua lanugine quadam cooperiuntur et humiliora et ramis rariora cerui (ut ipsi uidimus) sunt. Haec tantae sunt uelocitatis, ut spatio 12 horarum, uehiculum ad 30 miliaria germanica proripiant. In quorum progressu, lento uel celeri, ex tiliarum articularum agitatione, ad instar nucum collisionis crepitus auditur.

Religio istius gentis est et ignem et statuas lapideas pro diis habere. Ex quauis re animata eis mane occurrente, totius diei euentum iudicant et augurantur. Matrimonium obseruant et mire sunt zelotypi.

Incantamentis sic pollent, ut inter multa alia dictu mira, quae premitto, naues in medio cursu retineant, sic ut nulla ui uentorum amoueri possint. Quod malum solo uirginum excremento foris nauium ac transtris illitis curatur, a quo spiritus illi, ut ab incolis accepi, natura abhorrent. Lege Saxonem Grammaticum et mira de sagis et incantamentis Aquilonaribus uidebis.

FINIS

TRADUÇÃO

DESCRIÇÃO DA LAPÓNIA

A Lapónia divide-se em Oriental e Ocidental, tendo no meio o Mar da Bótnia¹⁸, cuja extremidade é a Tórnia. A oriente toca o Lago Branco¹⁹ e abarcando a norte várias províncias, estende-se a regiões incógnitas. Tendo a ocidente a Islândia, confina com uma parte da Noruega. É cercada a sul por outra parte da Noruega, pela Suécia, pela Finlândia e pelas duas Bótnias.

A Lapónia Oriental tem no octogésimo quarto grau de elevação do polo²⁰ uma igreja de Santo André, a qual é ornada por um magnífico e sumptuoso templo e por varões doutos e eruditos nas Sagradas Escrituras. Esta igreja obedece e responde ao arcebispo de Uppsala, em cuja diocese se situa. Porém aqueles que habitam em torno dela, quer pela incúria, quer pela avareza dos prelados e magnates (tal como foi dito)²¹, não conhecem Cristo.

150

“Lapónia” significa em Latim “província inapta” ou “indolente”. Julgo que o nome lhe foi dado em virtude do solo ser de tal forma estéril, devido ao intenso e excessivo frio, que de modo nenhum é apropriado para receber ou criar culturas.

Os indígenas desta província são de estatura média e vigorosa e excepcionalmente destros e hábeis no uso do arco e flecha. A arte de disparar é de tal forma exercitada desde a infância, que ao rapaz de mira errante não se dá alimento, enquanto não o atingir com uma flecha certa.

Em vez de vestes, fazem uso, sobretudo, de peles tecidas de modo não deselegante, com as quais se protegem da violência do frio. Habitaram-se

18 Actual Golfo da Bótnia, situado no extremo norte do Mar Báltico.

19 Actual Mar Branco, situado a sul da Península de Kola, na Rússia.

20 Esta coordenada não corresponde à escala de latitudes utilizada actualmente. O extremo norte da Escandinávia (Nordkapp, Noruega) está situado nos 71° N de latitude.

21 Remete para o que dissera na *Deploratio*. Torna-se evidente a necessidade de respeitar a ordem de sucessão textual entre um e outro opúsculo.

de tal modo a suportá-lo, que desde que seja necessário, conseguem resistir-lhe sem qualquer agasalho de peles. Habitam em tendas e as casas não são de qualquer utilidade para eles, porquanto migram com muita frequência de um sítio para o outro. Não têm outro modo de viver, senão da caça de animais, da predação de aves e da pesca, nas quais são especialmente hábeis. Aquela província é, de facto, muito fecunda nestas coisas.

Não cultivam o campo e utilizam uns pequenos barquinhos construídos sem qualquer cravo de ferro, com os quais, carregados de peixe seco ao ar livre e peles, navegam até às povoações vizinhas, para que, pela troca, adquiram tanto a subsistência como a riqueza, não fazendo uso de qualquer palavra, mas somente de gestos. Isto só acontece por causa da barbárie e rudeza da língua, de outro modo são muito perspicazes a sagazes nas suas trocas comerciais.

É um povo belicoso e corajoso. Em vez de cavalos, utilizam uns animais que na sua língua se chamam *raingi*²², que têm o tamanho e a cor de um asno, cascos fendidos e forma e chifres como os dos cervos, embora estejam cobertos por uma espécie de penugem e sejam mais baixos e de hastes menos ramificadas do que as destes (como nós próprios observámos). Estes animais são tão velozes, que num período de doze horas, puxam uma carruagem até trinta milhas germânicas²³. No decurso da sua marcha, lenta ou rápida, por causa da agitação das articulações das tíbias, ouve-se um ruído parecido ao de partir nozes.

A religião deste povo consiste em ter fogo e imagens de pedra no lugar de deuses. A partir de qualquer ser animado que lhes surja ao nascer do sol, julgam e auguram os acontecimentos do dia todo. Cumprem o matrimónio e são invulgarmente ciumentos.

22 Pela descrição que se segue, podemos concluir que se refere à rena (*rangifer tarandus*).

23 A milha germânica (*meile*) era uma das várias unidades métricas históricas utilizadas no Sacro Império. Esta corresponde a 23433 pés (*fuß*) ou 7407,4 metros, pelo que trinta milhas equivalem a cerca de 222,2 quilómetros, o que implica que a rena conseguia manter uma velocidade média de 18,5 km/h ao longo de um percurso de doze horas.

São tão poderosos nos encantamentos, que entre muitas outras coisas maravilhosas de se contar, as quais eu me abstenho de o fazer, retêm as embarcações a meio do percurso, de modo que não conseguem ser empurradas por nenhuma força dos ventos. Este agravo somente se resolve cobrindo o convés e os bancos das embarcações com dejectos de raparigas jovens, dos quais aqueles espíritos, tal como tomei conhecimento através dos habitantes, se afastam em virtude da sua condição. Lê o Saxão Gramático²⁴ e verás coisas maravilhosas acerca das feiticeiras e encantamentos dos povos do Norte.

BIBLIOGRAFIA

- Góis, Damião de (1544), *Aliquot Opuscula*. Lovaina.
- (1945a), *Opúsculos históricos*, Dias de Carvalho (trad.). Porto.
- (1945b), *História da Abissínia*, Maria Júlia Gonçalves Pereira (trad.). Lisboa.
- (2009), *Correspondência Latina*, Amadeu Torres (trad.). Coimbra.
- Aubin, Jean (1982), *Damião de Góis et l'Archeveque d'Upsal*. Paris.
- Hirsch, Elisabeth Feist (1967), *Damião de Gois. The Life and Thought of a Portuguese Humanist, 1502-1574*, The Hague.

24 Cronista dinamarquês do séc. XIII. Da sua vida pouco se sabe. Foi autor da *Gesta Danorum* e teve como patrono Absalão, arcebispo de Lund. Os seus escritos, que misturam o histórico com o fantástico, fascinaram os humanistas do Renascimento em função do interesse que estes manifestavam pelo maravilhoso do passado pré-cristão.